

V de vanilóquio: uma verificação das variações nas várias versões em vídeo de V de Vingança

Guilherme da Silva Braga¹

Abstract: This article presents a critical analysis of the alliterative monologue with which V for Vendetta's eponymous anti-hero presents himself in the movie, taking into account some of its relations to the graphic novel which inspired it, and points out some differences between the original and the different monologues as dubbed into Hungarian, French, German and Brazilian Portuguese in order to discuss the issue of creative translation. The analyses are followed by a new proposal for the monologue's translation and a statistical-quantitative analysis of the dubbings into all languages presented.

Palavras-chave: tradução criativa; V de vingança; aliterações

Resumo: Este artigo apresenta uma análise crítica do monólogo aliterativo feito pelo anti-herói epônimo do longa-metragem V for Vendetta à luz dos quadrinhos que o inspiraram e aponta diferenças relevantes do ponto de vista da tradução criativa entre o áudio original e as soluções adotadas nas diferentes dublagens do filme para o húngaro, o francês, o alemão e o português brasileiro.

Estas discussões são seguidas por uma nova proposta de tradução e uma análise estatístico-quantitativa das dublagens para todas as línguas analisadas.

Keywords: creative translation; V for Vendetta; alliterations

Introdução

Logo no início da versão cinematográfica de *V for Vendetta*, quando a personagem Evie está prestes a ser violentada por três agentes do governo que a flagram andando pelas ruas de Londres após o toque de recolher, uma figura mascarada surge para salvá-la e, a seguir, apresenta-se com o impressionante monólogo aliterativo reproduzido abaixo:

¹ Tradutor literário, graduado em Letras-Licenciatura (português-inglês) pela UFRGS e mestrando em Literatura Comparada pela mesma Universidade.

Voilà! In view a humble vaudevillian veteran, cast vicariously as both victim and villain by the vicissitudes of fate. This visage, no mere veneer of vanity, is a vestige of the vox populi, now vacant, vanished. However, this valorous visitation of a bygone vexation stands vivified! And has vowed to vanquish these venal and virulent vermin vanguarding vice and vouchsafing the violently vicious and voracious violation of volition. The only verdict is vengeance, a vendetta, held as a votive not in vain, for the value and veracity of such shall one day vindicate the vigilant and the virtuous. Verily, this vichyssoise of verbiage veers most verbose, so let me simply add that it is my very good honor to meet you and you may call me V.

Não parece necessário mencionar a altíssima incidência de *vv* que ocorrem no trecho – o que decerto não passaria despercebido –, mas talvez valha a pena tecer uns breves comentários sobre os problemas tradutórios que suscita, uma vez que o filme foi projetado em salas de cinema por todo o mundo nos mais variados idiomas.

A tradução do monólogo de apresentação do personagem V em dublagens para diferentes línguas será o tema central deste artigo².

1 Como abordar textos de alta exigência formal?

Uma das primeiras perguntas que o tradutor encarregado de verter o monólogo de V para uma outra língua fará a si mesmo será necessariamente *Como traduzir esse texto*.

O original parece conter uma injunção clara para que se mantenha a alta taxa de incidência de *vv* no texto-alvo, mas neste caso a pergunta *Quanto do sentido original é lícito alterar para manter o efeito aliterativo?* também pode surgir e sem dúvida constitui um questionamento legítimo.

Não cabe, no entanto, tratar a questão meramente em termos de forma *vs.* conteúdo, pois essa abordagem tende a empobrecer a discussão e a levar-nos a um beco sem saída.

Trata-se antes de pensar em como pôr a forma *a favor* do conteúdo, tal como ocorre no original.

Vejamos: um personagem chamado V, antes de revelar o nome, despeja uma torrente de *vv* em cima de uma interlocutora atônita enquanto explica quem é, de onde veio e o que pretende. Não se percebe disparidade ou incongruência alguma entre forma e conteúdo e, portanto, seria difícil imaginar uma boa argumentação que – levando em conta o efeito suscitado pelo original – pudesse dar-se ao luxo de privilegiar apenas uma em detrimento da outra.

Antes de avançarmos na discussão teórica, no entanto, cabe lembrar que os problemas tradutórios são resolvidos sempre no plano da prática, e o responsável pela solução é ninguém menos do que o próprio tradutor. Susan Bassnett é taxativa quando afirma que “Encontrar uma solução até para o problema mais assustador é obviamente tarefa do tradutor³. Quase no mesmo fôlego, porém, acrescenta que “Tais soluções podem variar muito; a decisão do tradutor sobre o que constitui informação invariante com relação a um dado sistema de referência é em si um ato criativo.”

2 Para fins deste artigo, não foram levados em conta os movimentos dos lábios do ator, fator sabidamente importantes na tradução para dublagem mas irrelevantes no caso do monólogo em discussão, uma vez que o personagem interpretado por Hugo Weaving passa todo o tempo do filme com o rosto coberto por uma máscara.

3 BASSNETT, p. 59.

Ora, se sabemos que o tradutor tem autonomia para decidir o que é informação invariante, é forçoso que também tenha autonomia para decidir o que é informação possivelmente variante. É nesse ponto que se abre espaço para a criatividade do tradutor, manifesta no tratamento que dispensa ao texto em língua-alvo.

Lembremos, portanto, da lição de Haroldo de Campos, que afirma que

Para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo estético, entendido por signo icônico aquele “que é de certa maneira similar àquilo que ele denota”). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal.⁴

Outro teórico de visão parecida em relação ao mesmo tipo de problema é Jiří Levý, que, no ensaio “Translation as a Decision Process”, argumenta que o tradutor, ao tomar decisões, precisa “lidar com combinações de um número de instruções” – isto é, com a *sintaxe de instruções* que irá ditar o modo da tradução.

Para exemplificar o funcionamento deste princípio, o autor cita o seguinte trecho do poema “Das Aesthetische Wiesel”, de Christian Morgenstern:

Ein Wiesel
saß auf einem Kiesel
inmitten Bachgeriesel.⁵

Em seguida apresenta cinco traduções distintas, todas propostas pelo tradutor norte-americano Max Knight:

A Weasel
perched on an easel
within a patch of teasel.⁶

A ferret
nibbling a carrot
in a garret.⁷

A mink
sipping a drink
in a kitchen sink.⁸

4 CAMPOS, p. 24

5 “Uma doninha / estava sentada em um cascalho / em meio ao murmúrio do riacho.”

6 “Uma doninha / empoleirada num tripé / em um canteiro de cardos. h

7 “Um furão / mordiscando uma cenoura / em um sótão.”

8 “Um vison / aperitivando uma bebida / em uma pia de cozinha. h

A hyena
playing a concertina
in an arena.⁹

A lizzard
shaking its gizzard
in a blizzard.¹⁰

A partir destes trechos, Levý estabelece o seguinte conjunto de instruções elementares para a tradução dos poemas de Morgenstern, verso a verso: (1) o nome de um animal; (2) o objeto da atividade deste animal, que rima com (1); (3) o local da atividade, que rima com (1) e (2).

A seguir, conclui que “Todas as cinco traduções preservam a função das três linhas no trocadilho como um todo (instruções definicionais), mas não o significado real dos três motivos (instruções seletivas)”.

Vejamos então como se apresentam, na prática, essas traduções que em certa medida abrem mão do “significado real” para preservar a “função” do original na língua-alvo.

2 Por trás do script cinematográfico: *As origens de V*

Nos quadrinhos, após a pergunta de Evie que no filme desencadeia o monólogo – *Who are you?* (“Quem é você?”) –, V responde apenas *Me? I’m the king of the twentieth century. The bogeyman. The villain. ...the black sheep of the family* (“Eu? Eu sou o rei do século XX. O bicho-papão. O vilão. ...a ovelha negra da família”).

O monólogo, portanto, é obra dos roteiristas do filme – mas não é difícil descobrir onde os irmãos Wachowski buscaram inspiração ao ler os títulos dos capítulos na obra em quadrinhos de Alan Moore e David Lloyd, que se divide em três livros:

Book 1 – Europe after the Reign

The Villain, The Voice, Victims, Vaudeville, Versions, The Vision, Virtue Victorious, The Valley, Violence, Venom, The Vortex.

Book 2 – This Vicious Cabaret

Prologue, The Vanishing, The Veil, Video, A Vocational Viewpoint, The Vacation, Variety, Visitors, Vengeance, Vicissitude, Vermin, Valerie, The Verdict, Values, Vignettes.

Book 3 – The Land of Do-As-You-Please

Prologue, Vox Populi, Verwirrung, Various Valentines, Vestiges, The Valediction, Vectors, Vindication, Vultures, The Vigil, The Volcano, Valhalla.

No Brasil, a preocupação com o aspecto formal do texto traduzido evidencia-se desde primeira edição brasileira de *V de vingança* (1989) e mantém-se intacta na nova edição publicada em 2002.

9 “Uma hiena / tocando uma concertina / em uma arena.”

10 “Um lagarto / sacudindo a moela / em uma nevasca. h

Vamos às traduções¹¹:

Tomo 1 – [A Europa depois do reino]¹²

O vilão, A voz, Vítimas, Vaudeville, Versões, A visão, Virtude [Virtude vitoriosa]¹³,
O vale, Violência, Veneno, O vértice (sic) [O vórtice].

O primeiro tomo não traz muitas informações relevantes sobre as opções do tradutor, pois a tradução de praticamente todos os títulos se oferece naturalmente em português sob a forma de uma palavra iniciada por *v*.

Tomo 2 – Este cabaré depravado [Este vil cabaré]

Vai-da-valsa, O véu, Vídeo, Vertente vocacional, Viagem, [Vertigem¹⁴], Variedade, Visitas, Vingança, Vicissitude, Vermes, Valerie, Veredicto, Valores, Vinhetas.

No segundo tomo já se percebe de maneira inconfundível a preocupação do tradutor em manter os *vv* no título dos capítulos: a inusitada tradução de *The Vanishing* por “Vai-da-valsa” – que à primeira vista pode parecer tirada da cartola, mas na verdade é fortemente calcada no enredo e nas imagens do capítulo original, que começa com *V* e *Evie* dançando juntos e termina com o desaparecimento (*vanishing*) do anti-herói, o que deixa *Evie* em uma situação absolutamente confusa e desorientada (“vai-da-valsa”) – não deixa dúvidas.

A tradução de *Vacation* por “Viagem” também se encontra claramente condicionada por uma forma adequada ao conteúdo: este é o capítulo em que o agente *Eric Finch* ganha uma viagem de férias a *Norfolk* depois de sair no braço com um colega.

De *A Vocational Viewpoint* a “Vertente vocacional” não há um caminho demasiado longo a percorrer, mas a solução mais uma vez apresenta-se como resultado de uma exigência formal.

E a última tradução assinalada – a de *Vermin* por “Vermes” –, embora seja quase de regra quando faz menção a uma pessoa desprezível, neste caso específico não é sustentada pelos elementos gráficos do quadrinho: a página em que o título aparece estampa justamente um rato, figura recorrente neste ponto da história.

Mesmo assim, o privilégio concedido pelo tradutor à letra escrita não faz senão reafirmar a importância que atribuiu à função estilística das aliterações.

Tomo 3 – A terra do faça-o-que-quiser

Prólogo, Vox populi, Verwirrung, Vários namorados [Versos voluptuosos], Vestígios, Véspera do adeus, Vetores, Vingança [Vindicação], Víboras, Velório [Vigília], Vulcão, Valhala (sic).

11 A edição de 1989 não faz menção ao nome do tradutor. A de 2002 dá crédito a Jotapê Martins.

12 Apenas a edição de 2002 traz o título do primeiro tomo, em uma folha que precede a primeira página ilustrada e ausente na edição de 1989.

13 As duas edições de *V de vingança* consultadas (Globo, 1989 e Via Lettera, 2002) apresentam títulos diferentes para certos capítulos. Nos casos em que as duas edições trazem títulos diferentes, o primeiro a aparecer é sempre o da edição de 1989, e o que segue entre colchetes, o de 2002.

14 O capítulo *gVertigem* h aparece nesta posição apenas na edição brasileira de 2002 e não consta na edição de 1989. A edição inglesa encadernada em único volume único traz os capítulos *Vertigo* e *Vincent* em um apêndice após o final da história e esclarece que, embora tenham sido publicados na serialização original de *V for Vendetta*, os dois capítulos são simples interlúdios à história principal e não foram concebidos pelos autores como parte essencial da obra.

Enquanto na edição brasileira de 1989 *Various Valentines* foi traduzido por “Vários namorados” – solução apenas parcialmente satisfatória devido à ausência de vv na segunda metade do sintagma –, a edição de 2002 substitui-a por “Versos voluptuosos”, uma solução muito apropriada do ponto de vista formal e ao mesmo tempo claramente relacionada à ação que se desenrola neste capítulo, pois nesta altura da história V está enviando versos subversivos à população via correio.

O problema suscitado pelo título *Valediction* foi resolvido como “Véspera do adeus”, com a clara adição de uma palavra extra iniciada por v.

O capítulo *Vultures*, que trata da disputa pelo poder e da traição entre membros de uma gangue de criminosos, recebeu o nome de *Víboras*.

Já o título *Vindication*, originalmente traduzido por “Vingança”, figurava de maneira um tanto problemática na edição de 1989, em virtude de um outro capítulo também chamado “Vingança” (tradução de *Vengeance*) no tomo dois. Na edição de 2002, o título foi alterado para “Vindicação”.

Se mais uma vez voltarmos nossa atenção para o monólogo do filme, não é difícil encontrar várias coincidências com os títulos recém-citados:

Voilà! In view a humble vaudevillian veteran, cast vicariously as both victim and villain by the vicissitudes of fate. This visage, no mere veneer of vanity, is a vestige of the vox populi, now vacant, vanished. However, this valorous visitation of a bygone vexation stands vivified! And has vowed to vanquish these venal and virulent vermin vanguarding vice and vouchsafing the violently vicious and voracious violation of volition. The only verdict is vengeance, a vendetta, held as a votive not in vain, for the value and veracity of such shall one day vindicate the vigilant and the virtuous. Verily, this vichyssoise of verbiage veers most verbose, so let me simply add that it is my very good honor to meet you and you may call me V.

As palavras sublinhadas representam aquelas inspiradas pelos títulos dados por Alan Moore aos capítulos de *V for Vendetta* e são mostradas abaixo:

A vocational viewpoint (“view”), Vaudeville (“vaudevillian”), Victims (“victim”), Villain (“villain”), Vicissitude (“vicissitudes”), Vestiges (“vestige”), Vox populi (“vox populi”), Vanishing (“vanished”), Vermin (“vermin”) The Verdict (“verdict”), Vengeance (“vengeance”), Values (“value”), Vindication (“vindicate”), Virtue victorious (“virtuous”).

Outra possível inspiração para o monólogo encontra-se em alguns trechos protagonizados pelo personagem Eric Finch nos quadrinhos, o agente encarregado de seguir os passos de V que aos poucos começa a compreender as motivações do anti-herói.

Nestas passagens, os pensamentos de Finch aparecem representados por meio de uma série de palavras em v, como que para insinuar a contaminação de seus ideais pelos de seu antagonista:

“Vaulting, veering, vomiting up the values that victimized me, feeling vast, feeling virginal... was this how he felt? This verve, this vitality... this vision. La voie... la vérité... la vie.” (V for Vendetta, sem data, p. 216.)

“Voltando a viver, virando, vomitando valores que me vitimizam, vivendo o vasto,

virginal... será que ele se sentiu assim? Esta verve, esta vitalidade... esta visão! La voie... la vérité... la vie.”¹⁵ (V de vingança, 1989, vol. 5, p. 7.)

Neste trecho, até mesmo uma tradução bastante literal apresenta-se quase pronta do ponto de vista formal, pois as palavras em *v* mais uma vez são opções muito naturais em português. A única exceção é *vaulting* (“saltando”), traduzido por “voltando a viver”.

Contudo, nem sempre é assim. Vejamos o trecho seguinte:

“...wind spins weather-vanes... walking, walking, the happy wanderer, valdere, valdera, it all fits... think like he thinks. He walked this road before me... and did those feet, in ancient times... but where? Where did he go... like a *vixen* to its *lair*, like a *vole* to its hole, a veritable *vanishing act*, but where? Think like him, think like him, full of voodoo, full of vision. What would he do? Where would he... um? Of course. Of course!” (V for Vendetta, sem data, p. 230.)

“O vento gira o catavento... caminhando e andando, o feliz vagabundo, valdere, valdera, tudo encaixa... pensar como ele. V andou por esta terra antes de mim... e deu estes passos em tempos antigos... mas aonde foi... como uma *víbora* rumo à *vastidão*. Como uma *vespa* rumo ao *vespeiro*, um verdadeiro *vôo*. Mas para onde? Pense como ele, cheio de vodu, *várias* visões. O que fez? Onde... hmm! Claro! Claro!” (V de vingança, 1989, vol. 5, p. 23.)

Aqui o tradutor vê-se obrigado a fazer certos malabarismos a fim de preservar o aspecto estético-aliterativo na língua-alvo. Os animais citados no original sofrem uma notável metamorfose tradutória: a *vixen* (“raposa fêmea”) transforma-se em “víbora”, e não vai mais para uma toca (“*lair*”), senão rumo à “vastidão”.

Esta última imagem parece ganhar força quando, depois de constatar a transformação dos *voles* (espécie de roedor do campo semelhante a um ratinho) e de seus *holes* (“buracos”) em “vespas” e “vespeiros”, percebemos que o *veritable vanishing act* (“verdadeiro número de desaparecimento”) de V foi traduzido por “um verdadeiro vôo” – solução particularmente feliz por aludir tanto às vespas como à idéia de liberdade também presente em “vastidão”.

Talvez não seja exagero afirmar que, no trecho acima, a tradução apresenta elementos mais bem-amarrados do que no original.

3 De volta ao monólogo de V

No caso do monólogo de V, portanto, a instrução primordial oferecida pelo texto-fonte parece ser *Use palavras com v*.

Esta instrução surge não só da profusão de *vv* presentes no texto filmico, mas também da própria inspiração aliterativa que os roteiristas encontraram nos títulos dos capítulos e nos trechos de contaminação lingüística da obra original em quadrinhos.

Assim que percebi a dificuldade, a curiosidade tradutória instigou-me a descobrir como diferentes tradutores, trabalhando com diferentes línguas, haviam solucionado o problema suscitado pelo trecho.

A primeira constatação – deveras feliz – foi a de que todas as dublagens encontradas,

15 As partes correspondentes da edição de 2002 trazem alterações mínimas em relação aos trechos citados, que no entanto nada têm a ver com os aspectos formais discutidos e portanto não serão indicadas.

sem exceção, preservavam em maior ou menor grau o jogo de palavras, o que corrobora a força injuntiva da sintaxe de orientações presente no trecho.

É claro que, assim como a raposa de Moore transformou-se em víbora ao passar para o português, e a doninha de Morgenstern virou furão, hiena e até lagarto, a opção por traduzir usando um grande número de palavras iniciadas por *v* traz consigo uma série de consequências no texto final.

Façamos então uma breve análise das dublagens para o húngaro, o francês, o alemão e o português brasileiro¹⁶.

3.1 O monólogo húngaro

Voilà! Ránézve, avatott verselőművész, ki váltakozva játszik vértanút és vétkest mikor mit rendel a végzet. E jelmez nem vajmi világi híuság, hanem végső véleménynyilvánítás mely veszőben van. Viszont, íme visszatért váratlan a letűnt vitézség. Vivát! Megfogadta, hogy végez a hitvány, veszett varanggyal, elveszejt a vétkes vezetést, mely vasra ver vihogva, s vérbefojtja a változás viharát. Az egyetlen válasz a vérbosszú, a vendetta, a végleges változás. Vakmerő, vitézi és végül a várva várt régvágyatt törvényes világba vezet. Való igaz, ez a verbális lavina végtelenné vált. Így, azzal fejezem be, örvendek a szerencsének, szólítson V-nek.

[Voilà! À primeira vista um veterano artista do verso, que faz ora o papel de mártir, ora o de criminoso, de acordo com as viradas do destino. Estas vestes não são uma simples vaidade mundana, mas a suprema liberdade de expressão, que está desaparecendo. Porém, eis que a bravura desaparecida de repente retornou. Viva! Ela jurou acabar com os vermes desprezíveis e raivosos, destruir a liderança maligna que nos acorrenta em meio a risadas e afoga a tempestade da mudança em sangue. A única resposta é a vingança, a vendeta, a mudança definitiva. Ela enfim nos levará ao tão sonhado mundo de valor, coragem e ordem que há tanto tempo esperamos. De fato, esta avalanche verbal ficou interminável. Assim, encerro dizendo que é um prazer conhecê-la. Me chame de V.]

Aqui estamos diante de um verdadeiro abismo de divergências entre o conteúdo e os modos de dizer do original e da tradução. Para começar, a dicção do V húngaro é muito mais poética: trechos como *vérbefojtja a változás viharát* (“afoga a tempestade da vingança em sangue”) e *vakmerő, vitézi és végül a várva várt régvágyatt törvényes világba vezet* (“Ela enfim nos levará ao tão sonhado mundo de valor, coragem e ordem que há tanto tempo esperamos”) simplesmente não têm equivalentes no original.

Contudo, para tornar todos esses maneirismos expressivos mais verossímeis, vale notar que o tradutor húngaro fez com que V se apresente não como *vaudevillian veteran* (“veterano do vaudeville”), mas como *avatott verselőművész* – um “veterano artista do verso”. Assim todo o trecho reveste-se de maior naturalidade, uma vez que sabemos desde o início estar diante de um poeta.

O jocoso trecho final do monólogo inglês, que diz *this vichyssoise of verbiage veers most verbose* (“esta *vichyssoise* [sopa] de verborragia torna-se demasiado prolixa”) sofre aqui uma de suas inúmeras transformações curiosas para outras línguas: o trecho passa a dizer *ez a verbális lavina végtelenné vált* (“esta avalanche verbal tornou-se interminável”).

16 Infelizmente não pude descobrir quem são os profissionais responsáveis por estas traduções e assim sou obrigado a tratá-los apenas por “tradutor”.

Apesar de todas as diferenças, não há como negar que o trecho apresenta-se permeado pelos mesmos ideais políticos e arroubos estilísticos que animam o original.

3.2 O monólogo francês

Voilà! A première vue je ne suis qu'un vulgaire comédien de vaudeville à qui les vicissitudes de la vie font jouer le vilain et la victime... et vice versa. Ce visage n'est pas que le vil reflet de ma vanité, mais un vibrant vestige de la «vox populi» aujourd'hui vacillante et vaincu. Vous devez y voir les vieux restes d'une vexation vieillissante, aussi vive que vivante, et vouer à vaincre cette vermine vulgaire, vivace, virulente et vénale qui vivote en privant ses valeureuses victimes vaincues de la vérité et des vraies valeurs! Le seul verdict que je vois est la vengeance, une vendetta violente brandit tel un ex-poteau et non en vain, visant à faire vaincre la vertu face à cette vilenie lovée dans les veines de nos villes ! Ces vagues vocales faisaient de moi un ventriloque vociférant ses volutes verbales. Revenons en à l'essentiel. Je suis honoré de vous rencontrer alors pour vous je serai V.

[Voilà! À primeira vista não sou mais do que um comediante qualquer de vaudeville, levado pelas vicissitudes da vida a interpretar o vilão e a vítima... e vice-versa. Este semblante não é o vil reflexo da minha vaidade, mas um vestígio vibrante da vox populi, hoje vacilante e vencida. Nele você deve ver os velhos restos de uma vetusta afronta, tão viva quanto ativa, e jurar vencer estes vermes vulgares, vivazes, virulentos e venais que vivem privando suas valorosas vítimas vencidas da verdade e dos valores verdadeiros! O único veredicto que vejo é a vingança, uma vendeta violenta brandida como uma barra, e não em vão, que vise fazer a virtude vencer a vilania enrodilhada nas veias de nossas cidades! Estas ondas vocais fazem de mim um ventríloquo, vociferando volutas verbais. Voltemos ao essencial. É uma honra conhecê-la e você pode me chamar de V.]

A tradução do monólogo francês para o português, como se poderia imaginar, em diversos trechos funciona até mesmo no nível estilístico graças à enorme proximidade entre as línguas.

Aqui se podem notar diversos expedientes tradutórios bem mais sutis em jogo, como por exemplo a tradução de *both victim and villain* (“tanto vilão como vítima”) por *le vilain et la victime... et vice versa* (“o vilão e a vítima... e vice-versa”), ou ainda a inclusão de adjetivos ausentes no original a fim de enriquecer o efeito aliterativo, tal como acontece na tradução de *vestige* (“vestígio”) por *vibrant vestige* (“vestígio vibrante”) e na de *stands vivified* (“permanece viva”) por *aussi vive que vivante* (“tão viva quanto ativa”).

Também é digno de nota que, no monólogo original, o sujeito de *and has vowed to vanquish these venal and virulent vermin* (“e jurou vencer esses vermes corruptos e virulentos”) é *valorous visitation* (“aparição valorosa”) – ou seja, o próprio personagem V.

Na tradução francesa, lê-se *vous devez... vouer à vaincre cette vermine vulgaire* (“você deve... jurar vencer esses vermes vulgares”), o que transforma a promessa de V em uma exortação à Evie.

No plano interpretativo, é possível que o tradutor francês tenha concebido V como a corporificação de um anseio coletivo – tese aliás amplamente fundamentada, tanto nos quadrinhos como no filme –, e nesse sentido seria correto afirmar que “V”, “Evie” ou “população em geral” seriam equivalentes em um plano semântico.

No plano denotativo, contudo, a solução adotada constitui um desvio considerável do original.

O tradutor francês, talvez imaginando que em sua tradução a *vichyssoise* de V pudesse perder um pouco do impacto e do pedantismo originais por ser justamente um

galicismo, refez todo o trecho com a belíssima imagem de um *un ventriloque vociférant ses volutes verbales* (“um ventríloquo, vociferando volutas verbais”).

A imagem do ventríloquo também serve como reforço para a interpretação subjetiva que o tradutor francês deslocou para o plano denotativo: como porta-voz da vontade coletiva – lembremos que o termo *vox populi* é empregado no original –, V não fala por si, mas “vocifera” o que vem dos outros.

3.3 O monólogo alemão

Voilà! Ein demütiger Veteran des guten Willen, vorgesehen als Vertreter von Opfer und Verbrecher gleichermaßen von den vielfachen Wechselwellen der Vorsehung. Diese Visage ist keine bloße Verkleidung aus Eitelkeit, sondern ein Vermächtnis der Vox populi, nun vakant, verschwunden. Wie dem auch sei, diese tapfere Verkörperung eines vergangenen Verdrusses ist wieder quicklebendig, und hat sich geschworen, die korrumpierte und verabscheuenswürdige Vipernbrut zu vernichten, die als Vorhut des Verbrechens der vergabten Vernichtung der Meinungsfreiheit Vorschub verschafft. Das einzige Verdikt heißt Rache, eine Vendetta. Heilig wie ein Motiv und nicht vergebens, denn Wert und Wahrheit einer solchen werden eines Tages die Vorsorglichen und Vortrefflichen bestätigen. In der Tat, diese Vichyssoise aus Verbalitäten verzweigt sich höchst verklausuliert, also lassen Sie mich hinzufügen, es ist mir eine große Ehre Sie kennenzulernen, bitte nennen Sie mich V.

[Voilà! Um humilde veterano da boa vontade, destinado a representar a vítima e o criminoso em igual medida pelas várias viradas do destino. Este semblante não é um mero disfarce por vaidade, mas um resquício da vox populi, agora vazia e desaparecida. Seja como for, esta valente encarnação de um desgosto passado está mais uma vez cheia de vida, e jurou aniquiliar os corruptos e desprezíveis filhotes de víbora que, como vanguarda do crime, alimentam o legado de destruição da liberdade de expressão. O único veredicto é a vingança, uma vendeta... sagrada como voto, e não em vão, pois o valor e a verdade desta um dia legitimarão os cautos e os virtuosos. De fato, essa vichyssoise de verborragias estende-se de maneira extremamente abstrusa, então me permita acrescentar que é uma grande honra conhecê-la. Por favor, me chame de V.]

O tradutor alemão sofre aqui um revés terrível: a relutância de sua própria língua em servir ao objetivo para o qual pretende empregá-la.

Afinal, para representar o som /v/, a língua alemã emprega em geral a letra *w*, enquanto a letra *v* resulta na pronúncia de /f/. Assim, o tradutor vê-se obrigado a alternar entre *ww* com som de /v/, *vv* com som de /f/ e eventuais *vv* com som de /v/, sendo que este último caso constitui a exceção à regra.

Em vista dessa peculiaridade da língua, surgem trechos como *die als Vorhut des Verbrechens der vergabten Vernichtung der Meinungsfreiheit Vorschub verschafft* (“que, como vanguarda do crime, alimentam o legado de destruição da liberdade de expressão”), que, mesmo contendo seis palavras iniciadas por *v*, não traz uma única ocorrência do som /v/.

Para piorar ainda mais a situação, no título do filme – *V wie Vendetta* – o *v* avulso tem som de /f/, enquanto o *v* de *Vendetta* tem som de /v/.

Talvez fosse possível traduzir todo o trecho apenas usando palavras que fizessem coincidir o som /v/ e a letra *v*, como *Visage* (“rosto”), *Veteran* (“veterano”) e *Verbalitäten* (“verborragias”), mas sem dúvida a tarefa seria muito mais árdua do que a dos demais tradutores mencionados.

Apesar do formidável obstáculo linguístico, o tradutor alemão também seguiu os ditames formais do original e traduziu, por exemplo, *vermin* (“vermes”) por *Vipernbrut* (“filhotes de víbora”), optou por soluções pouco ortodoxas em certos casos – como, por exemplo, na tradução de *visitation* (“aparição”) por *Verkörperung* (“encarnação”) – e incluiu palavras inexistentes no original a fim de realçar o efeito desejado, como *vergabten* (“legado”) – na verdade um adjetivo, embora figure na tradução acima como substantivo).

3.4 O monólogo Brasileiro

Voilà! À sua vista um humilde veterano do vaudeville, trajado com vestes de vítima e vilão pelas vicissitudes do destino. Este semblante, não mero verniz de vaidade, é um vestígio de V populi, agora vazia e esvaecida. Porém, esta valorosa visitação de uma vexação passada se encontra vivificada e fez um voto de vencer os vermes venais e virulentos que se valem do vício e valorizam e violação violenta, depravada e voraz da vontade. O único veredicto é a vingança, a vendeta, tida como votiva, não por vaidade, pois o valor e a veracidade de tal deve um dia vindicar o vigilante e o virtuoso. Verdade como essa vívida verborragia já se torna assaz verboso. Permita que eu acrescente que é uma grande honra para mim conhecê-la e a senhorita pode me chamar de V.

Na dublagem brasileira, o que salta à vista é o maior comprometimento do tradutor brasileiro com a *tradução dicionarizante* das palavras do original, o que resulta em um texto mais literal e menos literário do que todos os anteriores.

Quase não se observa recriação ou reescritura significativa do texto a fim de realçar suas qualidades formais: a dificuldade imposta pelos *V* parece antes ser um problema do qual o tradutor deseja se livrar o mais rápido possível do que um desafio a ser resolvido à altura.

Mesmo assim, podemos observar as traduções pouco ortodoxas de *cast vicariously* as por “trajado com vestes de”, *vanguarding* por “se valem”, *vouchsafing* por “valorizam”, “*not in vain*” por “não por vaidade” e *vichyssoise of verbiage* por “vívida verborragia” – todas elas índices claros de que o tradutor reconheceu a importância do mecanismo que rege o original e tentou reproduzi-lo.

Além do mais, a dublagem sofre com (1) a tradução inadequada de palavras bastante simples, como *visitation* (aqui, “aparição”, “fantasma” – uma tradução óbvia dado o contexto) por “visitação” e *vexation* (“irritação”, “aborrecimento”, “angústia”) por “vexação”, (2) o flagrante descuido com a concordância da “verborragia assaz verboso” [sic] e (3) o uso excessivo de palavras de pouco trânsito em nossa língua, como “venal”, “virulento” e “votivo” – elementos importantes na produção de um efeito pernóstico-latinista no original que, no entanto, fica perdido na tradução literal para o português.

A soma de todos os fatores elencados acima compromete significativamente o desempenho estilístico-literário do monólogo em nossa língua.

4 Uma nova proposta em português

Ciente de que apontar defeitos é sempre mais fácil do que fazer – e também para não incorrer na justa crítica de Susan Bassnett quando afirma que “ao discutir seu trabalho, os tradutores evitam analisar seus próprios métodos e concentram-se em expor as falhas de outros tradutores¹⁷” –, resolvi oferecer uma análise do trecho a fim de ressaltar aspectos que

julgo importantes para então apresentar uma tradução que acredito ter qualidades literárias e estilísticas semelhantes àquelas observáveis no monólogo inglês.

Um dos problemas que se apresentou desde o início foi o dos latinismos. Como traduzi-los para o português? A tarefa parece impossível, uma vez que nos expressamos naturalmente por meio de palavras latinas.

Por outro lado, as aliterações são uma constante no repertório estilístico da língua inglesa, enquanto o mesmo não ocorre – ou pelo menos ocorre em grau muito mais atenuado – em português.

Assim, pareceu-me que o equilíbrio entre as duas línguas estaria mantido se cada uma delas apresentasse um recurso estranho e outro tradicional: enquanto o original se caracteriza pelo improvável abuso de latinismos em um contexto aliterativo tão caro à língua inglesa, a versão em português poderia apresentar um inusitado excesso de aliterações em um contexto latino nativo.

O abuso de latinismos no original também resulta em um discurso que – embora possa ser classificado de poético e jocoso em vista da pirotecnia de maneirismos que apresenta – evidencia um grau nada desprezível de pedantismo.

À medida que o discurso de V torna-se mais inflamado, os vv passam a surgir com frequência cada vez maior, até que, no ponto culminante do monólogo, o personagem revela seu propósito em um longo período em que nada menos do que todas as palavras lexicais são iniciadas por *v*: *and has vowed to vanquish these venal and virulent vermin vanguarding vice and vouchsafing the violently vicious and voracious violation of volition*.

Estas aliterações em *v* do original são um efeito tão dominante que podem dar a impressão de ser tudo o que há para se ouvir. Mas não são.

Há outros efeitos aliterativos muito interessantes, como por exemplo no trecho *vicious and voracious violation of volition*, que parece brincar com séries inteiras de fonemas repetidos: se abstrairmos as vogais, tanto *vicious* com *voracious* apresentam séries praticamente idênticas de /vʃs/, cuja simetria é perturbada apenas pelo /ɹ/ presente em *voracious*. O par *violation/volition* apresenta uma simetria perfeita na sequência de consoantes /vʃsn/.

4.1 Monólogo proposto

Busquei reproduzir os efeitos comentados acima com a seguinte tradução:

Voilà! À primeira vista um veterano do vaudeville, fazendo contra a vontade as vezes de vilão e de vítima em virtude das vicissitudes do destino. Este vulto, mais que o vazio verniz da vaidade, é um vestígio de vozes vencidas, vanecidas. Mas veja! Esta valorosa visão da revolta passada volta à vida! E vem para vencer os vermes vis e virulentos que veneram o vício e vibram com a violação voraz e violenta da vontade! O veredicto visa a vingança, a vendeta – um voto válido, visto que o valor e a verdade hão de um dia vingar a vigilância e a virtude. Vejo que esta vertiginosa voragem verbal tende à verborragia, então me permita apenas acrescentar que estou muito honrado em conhecê-la e que pode me chamar de V.

A dupla repetição de seqüências de fonemas consonantais observável em *violently vicious and voracious violation of volition* foi aplicada a dois trechos distintos.

O primeiro surge da tradução de *by* por “em virtude de”, que possibilita o surgimento

do trecho “em virtude das vicissitudes”, onde se observa a repetição ordenada não apenas da seqüência consonantal /vtdʒ/, mas das sílabas inteiras /vi/, /tu/ e /dʒi/.

O segundo aparece na tradução de *vox populi, now vacant, vanished* por “vozes vencidas, vanecidas”. Aqui, o uso do adjetivo raro “vanecidas” busca não apenas restabelecer a simetria fonética perfeita das consoantes /vnsds/, presentes em “vencidas”, mas também deixar transparecer o pedantismo do personagem – não mais através de latinismos, mas de uma escolha lexical altamente rebuscada.

Esta mesma opção também justifica a tradução de *vox populi* por “vozes” – uma aparente simplificação que na verdade é uma compensação, uma vez que substitui a referência original ao capítulo *Vox populi* dos quadrinhos por uma referência ao capítulo “A voz”.

Uma estratégia semelhante foi usada na tradução de *vichyssoise of verbiage* por “vertiginosa voragem verbal”, que consegue uma alusão ao capítulo “Vertigem” dos quadrinhos em um trecho onde o original não apresenta referência extratextual alguma.

Outro elemento ignorado em todas as traduções acima que parece adquirir grande valor estilístico no contexto é o advérbio *simply* (“simplesmente”) que precede a última parte do monólogo. Dado o nível de complexidade das proezas léxico-aliterativas executadas por V até esse ponto, parece absolutamente improvável que o personagem possa “apenas” dizer alguma coisa, mas é justamente o que acontece: a partir do modalizador os vv desaparecem – o que reveste o trecho de um caráter irônico.

É fácil perceber que, a fim de recriar as aliterações em português, lancei mão de várias outras traduções bastante livres, tais como *vicariously* por “contra a vontade”, *visage* por “vulto”, *mere* por “vazio”, *however* por “mas veja”, *visitation* por “visão”, *stands vivified* por “volta à vida”, *has vowed* por “vem”, *vanguarding* por “veneram”, *vouchsafing* por “vibram”, *is* por “visa”, *not in vain* por “válido”, *for* por “visto que” e *verily* por “veja que”.

O monólogo final proposto – tal como já ocorria na dublagem brasileira do filme, embora obtenha o efeito com palavras distintas – faz alusão a um número importante de capítulos da revista em quadrinhos:

Voilà! À primeira vista um veterano do vaudeville, fazendo contra a vontade as vezes de vilão e de vítima em virtude das vicissitudes da vida. Este vulto, mais que o vazio verniz da vaidade, é um vestígio de vozes vencidas, vanecidas. Mas, veja!, esta valorosa visão da revolta passada volta à vida! E vem para vencer os vermes vis e virulentos que veneram o vício e vibram com a violação voraz e violenta da vontade! O veredicto visa a vingança, a vendeta – um voto válido, visto que o valor e a verdade hão de um dia vingar a vigilância e a virtude. Vejo que esta vertiginosa voragem verbal tende à verborragia, então me permita apenas acrescentar que estou muito honrado em conhecê-la e que pode me chamar de V.

Capítulos:

Vaudeville (“vaudeville”), O vilão (“vilão”), Vítimas (“vítima”), Vicissitude (“vicissitudes”), Vestígios (“vestígio”), A voz (“vozes”), Vermes (“vermes”), Veredicto (“veredicto”), Vingança (“vingança”), Valores (“valor”), Virtude (“virtude”), Vertigem (“vertiginosa”).

Resta saber agora em que medida o efeito aliterativo compara-se ao do original.

5 Uma análise estatístico-quantitativa

A fim de conferir maior objetividade à discussão sobre a quantidade de *vv* desejáveis em qualquer tradução que pretenda reproduzir as características formais e funcionais do original, apresento abaixo uma análise estatística que leva em conta o número total de palavras, bem como o número e a porcentagem de palavras (1) que começam por *v*, (2) que contêm *v* em posição intermediária e (3) que não contêm *v*, em todos os textos discutidos até aqui.

Monólogo *v* no início *v* no meio sem *v*

Original (127 p.)	48 (38%)	1 (1%)	78 (61%)
Húngaro (83 p.)	44 (53%)	7 (8%)	32 (39%)
Francês (161 p.)	60 (37%)	3 (2%)	98 (61%)
Alemão (131 p.) ¹⁸	38 (29%)	0 (0%)	93 (71%)
Brasileiro (115 p.)	36 (31%)	0 (0%)	79 (69%)
Proposto (129 p.)	53 (41%)	1 (1%)	75 (58%)

Tabela 1. Quantidade de *vv* por monólogo e por posição

Podemos observar que, enquanto o monólogo original apresenta uma incidência total de 39% de palavras com *v* (sendo que 38% do total aparece em posição inicial), o monólogo húngaro excede – e muito – este índice: dentre todas as palavras empregadas, 61% contêm a letra *v*, sendo 53% em posição inicial.

A tradução francesa mantém-se muito próxima das proporções do original, com uma variação mínima de 1% a menos de palavras com *v* em posição inicial e 1% a mais de palavras com *v* em posição intermediária.

O monólogo alemão, em vista das particularidades ortográfico-fonológicas da língua, permite a elaboração de duas estatísticas: uma que contabilize apenas a ocorrência da letra *v* e outra que leve em conta as diferentes possibilidades de combinação gráfica e sonora entre *v* e *w* e */v/* e */f/*. No primeiro caso, verifica-se a presença de apenas 29% de palavras começadas em *v*. No segundo, o total de palavras que contêm seja */v/*, seja */f/* em qualquer posição é de 41%, mas apesar da alta porcentagem o efeito fica prejudicado pelo emprego de muitas palavras com *w* por um personagem que se chama *V*, o que em última análise não faz sentido.

Em português, a dublagem do filme traz apenas 31% de palavras com *v* – apenas 2% a mais do que a contagem menos favorável da tradução alemã, por sua vez repleta de dificuldades muito maiores.

O monólogo que proponho tem uma incidência aliterativa levemente mais alta do que o original – um total de 42% de palavras com *v*, sendo 41% em posição final e 1% em posição intermediária.

Embora este tipo de análise não possa ser usado como critério único para a avaliação de tradução alguma, parece-me que pode ser útil para a medição precisa do grau em que um dado efeito se apresenta no original e, por consequência, para a verificação do grau em que é interessante mantê-lo na tradução.

¹⁸ Em vista das particularidades ortográfico-fonológicas do alemão, também é possível estabelecer uma contagem levando em conta cinco categorias diferentes em vez de três: a de palavras com */v/* no início (19-15%), com */f/* no início (27-21%), com */v/* no meio (3-2%), com */f/* no meio (4-3%) e por último a de palavras sem */v/* nem */f/* (78-59%).

Considerações finais

É curioso notar como, nos exemplos mencionados acima, muitas das liberdades tomadas de maneira sensata por diferentes tradutores não parecem prejudicar de maneira alguma o texto traduzido, mas antes conferir-lhe um vigor literário e estilístico análogo ao do original. Se por um lado essas decisões tradutórias exigem do tradutor sensibilidade à obra artística, por outro lado é inegável que o estudo de diferentes teorias da tradução, aliado à prática e à reflexão crítica constante, fornece a tradutores de todos os níveis ferramentas poderosas para se libertar da falsa dicotomia forma vs. conteúdo para então se concentrar na característica primordial do texto literário: o emprego criativo da forma *a favor* do conteúdo.

Na tradução dos textos criativos, portanto, talvez não seja demais relembrar um outro mote aliterativo de *V – FREEDOM! FOREVER!*

Referências

- BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi.
- CAMPOS, Haroldo de. **Da tradução como criação e como crítica**. In: *Metalinguagem*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- LEVY, Jíóí. **Translation as a Decision Process**. In: *The Translation Studies Reader*.
- VENUTI, Lawrence (ed.). Routledge, 2000.
- MOORE, Alan; LLOYD, David. *V for Vendetta*. DC Comics, sem data. Edição completa em um volume.
- MOORE, Alan; LLOYD, David. *V de vingança*. São Paulo, Globo, 1989. Sem créditos de tradução. Minissérie em cinco edições.
- MOORE, Alan; LLOYD, David. *V de vingança*. São Paulo: Via Lettera, 2002. Tradução de Jotapê Martins. Edição em dois volumes.
- V de Vingança*. James McTaigue. Manaus, Microservice Tecnologia Digital da Amazônia S.A., 2006, DVD.
- V mint Verbozzú*. James McTaigue. 2006. Trecho disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=p390guPprew>>.
- V pour Vengeance*. James McTaigue. 2006. Trecho disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=TVbjj9Y2vrg>>.
- V wie Vendetta*. James McTaigue. 2006. Trecho disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=h2G7QkwWRNg>>